

Violência epistêmica e enunciação de sujeitas negras em uma interpretação de Nancy Morejón

Violencia epistémica y enunciación de sujetas negras en una interpretación de Nancy Morejón

Alcione Correa Alves¹

RESUMO: Este texto empreende uma interpretação do poema de Nancy Morejón intitulado “Mujer negra”, propondo-o enquanto enunciação de sujeitas negras americanas, desde este lugar. Tal interpretação recorre a uma noção de lugar (conforme, por exemplo: GLISSANT, 1996; EVARISTO, 2005) como, igualmente, a um conceito de violência epistêmica (MIÑOSO, 2014), situando seu arcabouço teórico em um quadro de pensamento negro americano. Os resultados parciais de pesquisa, ora divulgados neste estudo, tem sido discutidos no âmbito do Projeto de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí.

Palavras-chave: Nancy Morejón: poesia. Literaturas negras femininas caribenhas. Lugar de enunciação. Violência epistêmica

*A Dalmo Reni Alves, cimarrón sem sabê-lo;
e a Debora Almeida, cimarrona dos sete ventos.*

Me fui al monte.

*Mi real independencia fue el palenque
y cabalgué entre las tropas de Maceo.*

*Sólo un siglo más tarde,
junto a mis descendientes,
desde una azul montaña,*

*bajé de la Sierra
(MOREJÓN, 2002, p. 114)*

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor adjunto I na Universidade Federal do Piauí. E-mail: alcione@ufpi.edu.br

Este texto empreende uma abordagem ao poema de Nancy Morejón intitulado “Mujer negra” (2002), propondo sua interpretação enquanto enunciação de sujeitas negras americanas, desde este lugar². Tal interpretação recorre a um conceito de lugar, a serviço de uma análise da enunciação negra feminina no poema; assim como, igualmente, a um conceito de violência epistêmica, em um quadro de feminismo negro decolonial, visando a situar o poema como leitura a respeito de uma hipotética historiografia cubana das resistências³. Morejón traz a enunciação desta *mujer negra* ou, acompanhando a noção de Conceição Evaristo (2005), sua escrevivência ao centro do poema; o recurso à noção de Evaristo dialoga de modo profícuo com o lugar (conforme, por exemplo, Édouard Glissant (1996)) visto que busca sublinhar, precisamente, a *mujer negra* americana como sujeita em-escrita, buscando

² Tomando em conta tanto as disputas teóricas no interior do campo dos Estudos Literários, no Brasil, quanto as políticas públicas brasileiras no tocante ao que se denomina *faute de mieux* como minorias, se mostra fundamental a este texto uma exploração, ainda que elementar conforme aos limites de um artigo científico, de um problema central de pesquisa em literaturas negras americanas: a legitimidade de enunciação de sujeitas(os) negras(os), desde um lugar a questionar sua naturalização mediante categorias de análise como, por exemplo, Outro, subalterna(o), minoria; ao fim e ao cabo, trata-se de assinalar um problema epistêmico ao percebê-las(os) não como sujeitas(os) mas como objeto, haja vista nosso tratamento científico quando da compreensão destas(es) sujeitas(os), mediante interpretação de suas literaturas nacionais (e, aqui, se recorre à noção de literatura nacional conforme o capítulo 34 de *Le discours antillais*, de Édouard Glissant (1997)). Acerca da naturalização de condições social e historicamente dadas a uma coletividade de sujeitas(os) negras(os) submetidas(os) à escravização nas Américas, entre os séculos XVI e XIX, assim como suas consequências, recomenda-se, introdutoriamente, a leitura do capítulo [hoje clássico no campo dos Estudos Literários, no Brasil] intitulado “Nascimento e morte do sujeito moderno (HALL, 2006)”, precisamente quando este autor enumera e discute o quarto ataque ao sujeito moderno, a partir do qual se poderia interpretar condições antes essenciais (seja esta essencialização dada metafísica ou teórica ou mesmo biologicamente) como condições social e historicamente dadas, tributárias de um lugar e de um tempo dados – como consequência cabal, esta abordagem poderia proporcionar interpretações do comércio e escravização negras nas Américas, entre os séculos XVI e XIX, não como ausência ou carência de Ser em sujeitas(os) escravizadas(os), tampouco como chaga divina atribuível a populações inteiras de um dado continente, mas como um problema dotado de tempo e lugar (relativo a sujeitas(os) portadoras(es) de historicidade), cuja formulação e execução, ela mesma, também depende de um tempo e de um lugar. Por sua vez, acerca de nossa compreensão do par Negro/raça e de suas consequências, em via dupla, tanto para naturalizar estereótipos relativos a sujeitas(os) negras(os) quanto para defender a própria inexistência de um conceito sociológico de raça, paradoxalmente como fundamento epistemológico de nossos racismos estruturantes, recomenda-se, introdutoriamente, a leitura do capítulo “O devir-negro da humanidade (MBEMBE, 2014)”.

³ Uma primeira versão desta pesquisa, intitulada “A noção de *cimarronaje*, um prefácio as literaturas negras americanas (1)”, fora submetida a apreciação e posterior publicação em obra a ser organizada pelo Prof. Dr. Anselmo Villegas, da Universidad de Camaguey (Cuba). Neste capítulo anteriormente submetido, o estudo do poema de Nancy Morejón buscava sua interpretação como prefácio possível a um conjunto mais amplo de literaturas negras americanas, tomando como hipótese a ideia de um Caribe-prefácio, dedutível da leitura do ensaio *Introduction a une poétique du Divers*, de Édouard Glissant.

seu discurso, desde si, como elemento a nosso ver fundamental ao estudo das construções identitárias negras ora investigadas:

Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é como atos de criação lingüística, a literatura, espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral (EVARISTO, 2005)

Ao longo das análises do poema de Morejón, buscar-se-á uma interpretação a debater, precisamente, os modos de representar a sujeitas negras nas literaturas americanas – o que Evaristo nos assinala como um problema de representação (termo com duas recorrências, em sua citação), no momento em que percebe *uma diferença negativa para a mulher negra*⁴. A noção de escrevivência contribui e dialoga de modo profícuo ao problema de pesquisa quando, desde uma enunciação negra feminina brasileira – e, por conseguinte, americana (ALVES, 2014) – busca interrogar a naturalização de um dado lugar a sujeitas negras nas obras literárias, em uma dupla diferença negativa porque mulher (como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral) e porque negra (a representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor). Em caso de relativo êxito nesta empresa interpretativa, espera-se que, ao final deste estudo, logremos ler ao poema “Mujer negra” como enunciação de uma sujeita negra que, mediante agência,

⁴ Como uma hipótese ao tratamento teórico do lugar de enunciação nas literaturas negras americanas, seria possível, acompanhando a citação de Conceição Evaristo, iniciar a compreensão deste problema epistêmico (e, em acordo ao atual estado do campo dos Estudos Étnicos, no Brasil: também político) como um problema de representação, em uma espécie de redução a seus fatores primos. Uma vez executado este movimento, quiçá se possibilite um aprofundamento das interpretações do conceito de lugar no campo dos Estudos Literários, no Brasil (formulando novos problemas examinando, por exemplo: o lugar de enunciação enquanto chave de leitura à compreensão das literaturas de nossos Outros e, especificamente aqui, das literaturas negras; a dimensão política da enunciação literária de sujeitas(os) negras(os); a dimensão política da pesquisa científica por parte de pesquisadoras(es) negras(os)), assim como uma inserção deste conceito, de modo programático, na formação básica de Teoria Literária a nossos quadros de pesquisa e formação docente em Estudos Literários.

legítima seu lugar epistêmico não redutível a nossos horizontes de expectativa quanto a personagens literárias femininas (musa ou heroína romântica) e, *más allá*, personagens femininas negras (corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor).

De modo complementar, examina-se algumas das bases a uma legitimidade de enunciação desde um lugar negro feminino ou, em última instância, desde qualquer lugar situado – amiúde de modo exógeno (MBEMBE, 2014, p. 11) – como um lugar de subalternidade, alinhando esta análise à pergunta, hoje estabelecida no campo dos Estudos Literários no Brasil, acerca do que se toma como falas de subalternidade. Trata-se, resumidamente, de propor uma leitura do poema "Mujer negra" examinando como este texto nos propõe a pergunta pelas possibilidades de uma enunciação negra feminina desde si, em uma leitura de construções identitárias nele verificáveis.

Por exemplo, na percepção do *palenque* como *mi real independencia*, o poema traz ao centro tanto a dimensão política emancipadora dos aquilombamentos, no período de escravização negra nas Américas⁵, assim como o problema da legitimidade de enunciação desde um lugar negro feminino haja vista que se assinala, na estrofe, o *palenque* como marco de libertação negra, em detrimento das abolições formais levadas a termo nos ora impérios americanos, ao longo da primeira metade do século XIX⁶:

Me fui al monte.

⁵ Como exemplos de referências acerca dos quilombos pensados como organização política, sugere-se, de modo introdutório, o texto de Maria de Lourdes Siqueira, intitulado "Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares", preparado como documento de subsídio à Secretaria de Educação do Estado da Bahia, "a respeito da contribuição dos Quilombos articulados a outros diferentes núcleos de resistência ao colonialismo, à escravidão, à dominação ocidental-européia e, ao mesmo tempo, apontar para o significado dessa memória de nossos antepassados e sua continuidade afro-brasileira, na sociedade contemporânea" (SIQUEIRA, s.d.). Em seu texto, Siqueira cita uma obra relevante a este propósito, *O quilombismo*, na qual seu autor Abdias do Nascimento fornece uma definição de quilombo conforme ao que aqui propomos, nos limites deste trabalho: "Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural" (NASCIMENTO, *apud* SIQUEIRA, s.d.).

⁶ Ao que se mostra um dado relevante que Cuba e Brasil tenham sido, precisamente, as últimas nações americanas a abolir a escravização negra formal nas Américas. Para conhecer mais sobre o tema, em uma abordagem elementar próxima ao ora reivindicado, consultar a comunicação de Clícea Maria Augusto de Miranda, "Abolição em perspectiva transnacional: ecos da Guerra Civil americana no Brasil e em Cuba, 1861-1888" (MIRANDA, 2013).

Mi real independencia fue el palenque
y cabalgué entre las tropas de Maceo.

Sólo un siglo más tarde,
junto a mis descendientes,
desde una azul montaña,

bajé de la Sierra
(MOREJÓN, 2002, p. 114)

Torna-se possível reconhecer uma *mujer negra* cujo elemento definidor (nossa hipótese de leitura) se assenta em uma enunciação das próprias memórias buscando algo distinto de uma multiplicidade de histórias possíveis⁷, a saber, a prerrogativa de que sujeitas(os) negras(os) gozam o direito a narrativas de si ou, de modo mais elementar, gozam o direito à narrativa, à palavra, a gnoseologias próprias, dado este de modo algum evidente, levando em conta a reificação destas(es) sujeitas(os) como condição necessária à justificativa de sua escravização. Sob tais condições, narrar-se ficcionalmente constitui uma ação destas(es) sujeitas(os) rumo a definições próprias de si nas quais se representam efetivamente sujeitas(os) e, passo necessário, questionam sua reificação, exógena, decorrente dos processos escravagistas e das relações de poder subsequentes; em uma palavra, trata-se de negras(os) se dizendo sujeitas(os), se narrando sujeitas(os), posicionando-se criticamente ante uma tradição de conhecimento que, sistematicamente, oblitera este dado (repete-se, nada evidente) porque a percepção de [quem tomamos como] nossos Outros como sujeitas(os) cognoscentes não é nem um pouco evidente. Em verdade, se trata de um princípio, ao mesmo tempo, metodológico e político, ao corpo de toda análise: tomar, como índice de leitura válido a textos literários negros americanos, a violência epistêmica na operação de negar, a [aqueles tomados como] nossos Outros, uma posição de sujeita(o) cognoscente. Neste cenário, quiçá se mostre possível compreender a agência (*me fui al monte*), bem como os laços de descendência

⁷ Especificando de modo mais adequado, esta referencia a uma multiplicidade de histórias possíveis pode encontrar uma de suas bases em uma Teoria da História desde Walter Benjamin ou, mais precisamente, em seu combate à tese historicista de uma História Universal; coube restringir este ponto com o recurso a uma nota menos como contraponto a teses benjaminianas e mais como questionamento a certos usos desta tese de multiplicidade de histórias que, ao fim e ao cabo, e a contrapelo de Benjamin, contribuem amiúde com o silenciamento de histórias possíveis em-subalternidade, em nome de uma multiplicidade que, supostamente, por si só daria conta do Diverso de histórias possíveis. Para compreender este ponto em Benjamin, recomenda-se o artigo “Walter Benjamin: a História como construção e alegoria” (PENIDO, 1989, p. 61-70).

entre sujeitas(os) negras(os) politicamente organizadas(os) no *palenque*, dos quais decorre, *sólo un siglo mas tarde*, a participação da comunidade negra nos eventos históricos da ilha de Cuba - em cujas narrativas historiográficas oficiais estes sujeitos negros amiúde estão ausentes, configurando um problema relevante às ciências humanas cubanas:

No entanto, esse protagonismo autônomo dos afro-cubanos continua sendo negado pelos historiadores e intelectuais euro-cubanos, mesmo quando a historiografia recente da maioria dos países americanos já destaca o papel crucial da diáspora africana na história deste hemisfério (HELG, 2014, p. 30)

Na citação acima, se pode reconhece o problema de uma negação, na forma de um não reconhecimento, da presença de populações negras em uma historiografia cubana, mesmo (ou sobretudo) quando referente ao período colonial e, neste, às práticas escravagistas; como uma de suas implicações, este não reconhecimento da presença conduz a um não reconhecimento da agência de sujeitas(os) negras(os) ante sua escravização, supondo, de modo subjacente, uma passividade⁸ ou, mais grave, uma predisposição destes sujeitos à escravização. Ademais, cabe salientar que não se trataria de um problema específico ao campo da historiografia mas, também, da intelectualidade cubana em sentido mais amplo que, a despeito de um movimento já reconhecível em outras intelectualidades americanas⁹, não empreenderia ainda tal reconhecimento de modo suficiente.

Sólo un siglo más tarde,
junto a mis descendientes,

⁸ Em linhas gerais, a recusa a esta naturalização da passividade e, daí, decorrente, aceitação pacífica da colonização enquanto *mission civilisatrice*, encontramos-la formulada na introdução de *Cultura e imperialismo*, ocasião em que Edward W. Said, ao grafar o advérbio *sempre* em itálico, esboça as bases a uma teoria das resistências, nas comunidades colonizadas por Inglaterra e França, entre os séculos XIX e XX; para demonstrá-lo, Said efetua o procedimento metodológico de investigar, nos próprios cânones inglês e francês deste mesmo período, como as obras literárias metropolitanas representam a sujeitas(os) colonizadas(os) e, precisamente nestas representações, como emergem as resistências mediante [nossa hipótese:] agência de sujeitas(os) cognoscentes.

⁹ Como exemplo de pensamento caribenho contemporâneo a discutir a agência de sujeitas negras, citemos a Yolanda Arroyo Pizarro que, no prólogo aos contos de *las Negras* (2012), parte dos avanços da historiografia portorriquenha a partir do final dos anos 70, notadamente na figura de Guillermo Baralt, a fim de, em um duplo movimento, exaltar a construção de um campo e formular um problema novo de pesquisa acerca da invisibilização de mulheres negras na historiografia portorriquenha: se Arroyo Pizarro, em seu ensaio “Hablar de las ancestras” (2011) não constata a presença de sujeitas negras, agentes, nas insurreições nem nos aquilombamentos, parte deste mote para desenvolver ficionalmente estas mulheres apagadas, em sua obra *las Negras*, enunciando suas histórias e, nestas, suas agências.

desde una azul montaña,

bajé de la Sierra
(MOREJÓN, 2002, p. 114)

Este uso, no poema, da locução adverbial *sólo un siglo más tarde* debate o recrudescimento da violência contra sujeitas(os) escravizadas(os) nos séculos XVII e XVIII,

Essa transformação afetou profundamente a população de cor livre, já discriminada pelo estatuto de *limpieza de sangre* (limpeza de sangue) que proibia aos afrodescendentes livres o acesso a formações superiores, funções reais, militares ou eclesiásticas, tendo como base a mancha permanente da escravidão na sua genealogia (*mancha de la esclavitud*). Apesar de, em 1763, a reforma militar ter permitido a ascensão no exército de homens negros e mulatos livres, depois de 1800 todos os afrodescendentes livres foram “racializados” e muitas vezes tratados como escravos pela sociedade branca. Sujeitos às vexações e exclusões crescentes, os homens negros livres reaproximaram-se dos escravos (HELG, 2014, p. 30)

assim como a busca de uma compreensão do contexto em que *baj[ó] de la Sierra*: apenas no século XX, no que parece aludir à Revolução Cubana como condição de possibilidade à agência, assinalada pelo verbo *bajar*. Em outros termos, trata-se de examinar, de modo introdutório, a pergunta pela enunciação de sujeitas consideradas em-subalternidade, em detrimento de discursos-*sobre*, -*por*, -*acerca*. Tal perspectiva remete a nossas leituras do ensaio *Pode o subalterno falar?*, precisamente nos limites que Gayatri Chakravorty Spivak aponta ao discurso e, em decorrência, ao modelo de intelectual do pós-estruturalismo francês, tomando as concepções de sujeito em Michel Foucault e Gilles Deleuze como sua metonímia. Nesta leitura possível da hipótese de Spivak, recorreremos, ademais, a Yuderkis Espinosa Miñoso (2014), que atenta a uma consequência adicional, fundamental a nossa análise:

Para examinar estas tesis desde el contexto latinoamericano, me gustaría traer aquí y contraponer dos tesis del pensamiento de Gayatri Ch. Spivak que me resultan de alta efectividad para los fines de mi crítica: (1) la imposibilidad del habla (o de la escucha) de la subalterna (Spivak 2003), y (2) la denuncia de la manera en que la razón postcolonial (sostenida desde los proyectos de nación y ciudadanía de las élites dominantes e intelectuales postcoloniales) *encripta* al subalterno, requiriéndolo y forcluyéndolo a la vez (Spivak 1999) (MIÑOSO, 2014, p. 312, grifo da autora)

Precisamente no ato de *encriptar* às(aos) sujeitas(os) que investigamos, quiçá se aloje a violência epistêmica de parte da(o) intelectual ao se debruçar sobre [aqueles tomados como] nossos Outros, amiúde natural[izada]mente em posição de subalternidade. Miñoso e Arroyo Pizarro, em seus respectivos ensaios, assim como Morejón em seu poema, resistem precisamente a esta naturalização, seja por parte da(o) intelectual pós-estruturalista (euro-cubano, no artigo de Helg), seja por parte de uma historiografia a recusar aportes e presença negras.

Complementar a tal referência, discutir violências imputadas às populações negras em Cuba implicará a presença da *mujer negra* desde o título, assim como em cada verso a assinalar que, malgrado se trate de populações negras, faz-se mister perceber uma enunciação negra feminina na base das construções identitárias em questão, como dado não evidente e não redutível a identidades nacionais que não problematizem, conjuntamente, gênero e raça; contudo, a reivindicação de Morejón talvez não vise a desvalorizar, deslegitimar ou mesmo elidir enunciações não-femininas mas, ponto fundamental nesta análise, a situar a enunciação feminina ao centro da pergunta pela violência na base da diáspora (do sequestro) negro americano.

São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor (CARNEIRO, 2003)

Observe-se, na argumentação de Sueli Carneiro, a busca de uma perspectiva interseccional na análise da diáspora negra americana e de suas consequências, a fim de propor, como problema, a especificidade das violências imputadas às (e, notadamente, por se tratar de) mulheres negras. Importante reiterar, uma vez mais, que não se trata de hierarquizar violências, tampouco de deslegitimar outras que não aquelas imputadas historicamente a mulheres negras mas, precisamente, assinalar a legitimidade deste lugar de enunciação específico¹⁰ que, como parte crucial das violências, para além do estupro e da dominação,

¹⁰ E, em acordo às atuais bases, em desenvolvimento, do Projeto de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, assinalar esta legitimidade, antes de redundar em um papel messiânico da(o) intelectual – afim à crítica de Spivak ao pós-estruturalismo francês – busca construir, a médio prazo, e no corpo de suas

promove o apagamento de memórias, de experiências, de participação e protagonismos femininos nas narrativas e mitos fundadores nacionais.

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpretada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou às últimas consequências (*Idem*)

A argumentação de Carneiro elucida um ponto central à compreensão do poema, a saber, a violência colonial na origem das construções identitárias negras (e o qualificativo, ou melhor, o substantivo *negras*, aliado ao possessivo *nossa*, decorrem da silepse de número a demarcar um lugar de enunciação). Seu texto observa a natureza de uma violência ao mesmo tempo constitutiva e invisibilizada ou, acompanhando Stuart Hall (2006), observa a naturalização das circunstâncias históricas da escravização negra: eis porque a democracia racial se constroi como *mito*, em vez de noção ou princípio pois, do ponto de vista de nossas identidades nacionais dadas, não faz sentido a pergunta pela violência no bojo da diáspora negra e suas consequências – na melhor das hipóteses, uma visão diacrônica da escravização, como movimento dialético rumo a nosso presente [onde se encontraria supostamente superada, resolvida]. Note-se o quanto o argumento de Carneiro se mostra tributário a uma enunciação negra feminina, enquanto lugar possível para análise de tais violências, na dupla dimensão das sujeitas e de suas(seus) descendentes que trazem a marca e suas memórias, o traço e suas ressignificações, assim como na dimensão da enunciação científica (ou filosófica) tributária, também, de um lugar de enunciação epistemologicamente fundado¹¹. Considere-se,

investigações em andamento, um problema epistêmico relevante: compreender a enunciação de sujeitas(os) negras(os) americanas(os), em sua dupla dimensão de ficcionalidade e ensaio, enquanto produção, difusão e discussão de conhecimento. Isto é, e convém uma vez mais reiterá-lo, não se trata de hierarquização ou supremacia de pensamento negro, tampouco de um essencialismo nos moldes de identidades atávicas mas, em vez disto, propor a pergunta, com o maior rigor possível neste momento, sobre a relação sujeito-objeto em Teoria Literária, do que amiúde tem decorrido em nosso *quehacer* científico [nossa hipótese] o tratamento naturalizado de objeto a [todos aqueles que tomamos como] nossos Outros. Em uma linha: pretende-se compreender sujeitas(os) negras(os) como sujeitas(os) cognoscentes – esteja este pensamento alinhado, ou não, a epistemas ocidentais – à luz de duas noções tributárias da obra de Édouard Glissant: o prefácio (GLISSANT, 1996) e o Diverso (GLISSANT, 1997).

¹¹Ainda que esta citação particular a Carneiro se refira mais especificamente ao exame da violência contra mulheres negras no Brasil, desde seu título, seu texto propõe um diálogo mais amplo entre

como problema de análise, a centralidade de uma enunciação negra feminina que, demarcando a necessidade de discutir as violências decorrentes da diáspora (no bojo da qual se compreende a escravização como circunstância sócio-historicamente dada e a *cimarronaje* como ato político negro, reivindica seu papel nas construções identitárias negras femininas em Cuba¹².

Ao poema de Morejón, se mostra imprescindível situar a participação da mulher negra em uma história cubana possível, na dupla operação de reescrevê-la sob a ótica da resistência negra à escravização e de, nessa reescrita, reivindicar as mulheres negras ao centro, responsáveis por suas próprias construções identitárias dialogáveis, mas jamais redutíveis, a uma etnicidade negra que não leve em conta um problema de gênero:

Me fui al monte.

Mi real independencia fue el palenque
y cabalgué entre las tropas de Maceo.

Sólo un siglo más tarde,
junto a mis descendientes,
desde una azul montaña,

bajé de la Sierra
(MOREJÓN, 2002, p. 114)

A recorrência de adjetivos possessivos (*mi independencia; mis descendientes*) e pronomes retos, assim como de verbos em primeira pessoa (*me fui; bajé*) assinala um percurso da *mujer negra* como sujeito a enunciar desde si, descrevendo a importância do *palenque* como lugar político de organização negra e, neste, sua importância na formação da mulher que, no exercício de sua marronagem, recorre a este lugar político. Ademais, a legitimação da enunciação feminina se desdobra em uma descendência formada não apenas por homens (*mis descendientes*, em seu duplo gênero se referindo, igualmente, a mulheres e homens) que, mais do que perpetuar a sobrevivência em solo cubano, reivindica suas memórias, assim como uma

enunciações negras femininas na América Latina, perspectiva na qual dele nos servimos, neste exame do poema de Morejón.

¹² Assim como em espanhol, o termo *cimarronaje* e o substantivo comum daí decorrente, *cimarrón*, ganham, igualmente, correlatos nas demais línguas europeias como o termo francês *marron* (desde o qual Aimé Césaire posteriormente cunhará, no contexto da *négritude*, a noção de marronagem cultural) e o inglês *maroon*. Para saber mais sobre os referidos termos, ver os respectivos verbetes em COSER, 2007.

temporalidade específica a seu ato político levado a termo *un siglo mas tarde*, no qual o uso do advérbio *sólo* assinala tal necessidade ao desenvolvimento das memórias negras no *palenque*:

Sólo un siglo más tarde,
junto a mis descendientes,
desde una azul montaña,

bajé de la Sierra
(MOREJÓN, 2002, p. 114)

Ou seja, não se trata de tão-somente discutir a presença (em outros termos, recorrendo à metalinguagem: a representação) da mulher negra como *topos* da poesia cubana, mas de discutir construções identitárias negras femininas cubanas, mediante uma noção de lugar de enunciação. Para tanto, examinemos rapidamente, a título de ilustração, um poema recorrente em antologias tanto de poesia cubana quanto das Américas: o poema “Mujer nueva”, de Nicolás Guillén (2011, p. 97). Ainda que tanto Guillén quanto Morejón sejam reconhecidos em uma história da poesia cubana do século XX, faz-se mister examinar aqui a busca, por Morejón, de uma enunciação negra desde seu lugar feminino, em perspectiva interseccional, dado que se justifica ao observar a posição-de-sujeita possível à mulher negra, em seu poema. Passemos, pois, ao texto de Guillén:

Con el círculo ecuatorial
ceñido a la ceintura como a un pequeño mundo,
la negra, mujer nueva,
avanza en su ligera bata de serpiente.

Coronada de palmas,
como una diosa recién llegada,
ella trae la palabra inédita,
el anca fuerte,
la voz, el diente, la mañana y el salto.

Chorro de sangre joven
bajo un pedazo de piel fresca,
y el pie incansable
para la pista profunda del tambor
(GUILLÉN, 2011, p. 97)

No poema de Guillen, há dois aspectos relevantes a nossa análise. Em primeiro lugar, note-se a corporeidade da mulher negra inserida ao centro do texto, não exatamente como sujeita de uma narrativa mas associada a noções de grandeza próprias ao que consideramos divino: *el círculo ecuatorial / ceñido a la ceintura como a un pequeño mundo* (versos 1 e 2); *como una diosa recién llegada, / ella trae la palabra inédita* (versos 5 e 6). Caso observada desde um lugar distinto do qual enuncia o poeta, esta dimensão sobrehumana, ainda que concebida como louvação à mulher negra do poema, traria, como consequência, restrições a sua humanização visto que, no registro desta grandeza divina, talvez não estaria disponível a esta mulher negra, *nueva*, um lugar falível e possível - em outras palavras, seria propor que a esta *mujer nueva*, porque divina, se restringe qualquer agência, menos ainda protagonismo, restando-lhe apenas o divino, o puro, a torre-de-marfim.

Em segundo lugar, e tomando "Mujer nueva" em relação ao conjunto do livro *Songoro Cosongo*, o poema traz em germe o caráter mestiço desta mulher, a despeito do adjetivo *negra* (verso 3). De modo a amparar tal interpretação, uma primeira versão do poema, intitulado "Mujer negra", fora publicada em 1931 no jornal *El Mundo*, na coluna "La marcha de una raza", tendo sido posteriormente modificada ao título definitivo que, sem contradizer o conjunto de versos, dialoga com o prólogo da obra:

No ignoro, desde luego, que estos versos les repugnan a muchas personas, porque ellos tratan asuntos de los negros y del pueblo. No me importa. O mejor dicho: me alegra. Eso quiere decir que espíritus tan puntiagudos no están incluidos en mi temario lírico. Son gentes buenas, además. Han arribado penosamente a la aristocracia desde la cocina, y tiemblan en cuanto ven un caldero.

Diré finalmente que estos son unos versos mulatos. Participan acaso de los mismos elementos que entran en la composición étnica de Cuba, donde todos somos un poco níspero. ¿Duele? No lo creo. En todo caso, preciso decirlo antes de que lo vayamos a olvidar. La inyección africana en esta tierra es tan profunda, y se cruzan y entrecruzan en nuestra bien regada hidrografía social tantas corrientes capilares, que sería trabajo de miniaturista desenredar el jeroglífico (GUILLÉN, 2011)

Guillén discute, no texto do prólogo, os aportes negros à compreensão de uma identidade cubana. Nesta passagem, constata-se em seu texto a relevância dos *asuntos de los negros* como peça de seu *temario lírico*, na elaboração de uma poética que, admitindo o caráter polêmico desta escolha, dadas as condições do campo literário cubano à época, não

ignora, *desde luego, que estos versos les repugnan a muchas personas*. Daí decorre uma conjunção entre dois signos distintos, *negros e pueblo*, postos em relação em uma poética que, a despeito das questões suscitadas ao supor uma suposta implicação necessária entre eles, também se mostra política, potencializada quando se toma o conjunto de sua obra como espaço de discussão das construções identitárias cubanas na primeira metade do século XX, no contexto das discussões do negrismo no Caribe de língua espanhola, em diálogo com seus contemporâneos Manuel de Cabral, Luís Palés de Matos e, em seguida, Jorge Artel¹³. A reivindicação dos aportes negros nas construções identitárias cubanas mediante *la inyección africana en esta tierra*, bem como os fundamentos de *mestizaje* na apreciação destes aportes¹⁴ aponta, em Guillén, que esta matriz africana *es tan profunda (...) que sería trabajo de miniaturista desenredar el jeroglífico* pois, de um modo distinto à *négritude*, no Caribe de língua francesa, as reivindicações negristas buscaram a compreensão dos aportes negros mediante preservação e ressignificação de matrizes africanas nas construções identitárias cubanas, sob o paradigma de identidades *mestizas* e seus corolários. Isso demarca uma diferença entre as perspectivas citadas visto que, no negrismo deste prólogo de Guillén, constata-se uma necessidade de deslocar a pergunta por uma busca específica de traços próprios a estes aportes negros nas construções identitárias cubanas, deslocamento marcado no texto pelo adjetivo *jeroglífico*¹⁵. Anos mais tarde, no poema “El apellido”, a busca de

¹³ Na obra *De la machina imperial a la vereda tropical: identidad y nación en el Caribe afrohispanico* (2009), Graciela Maglia inclui o poeta negro colombiano Jorge Artel neste mesmo rol de pensamento negro caribenho, ao que a seguimos, nesta passagem.

¹⁴ Para avançar no estudo da *mestizaje*, enquanto conceito vigente no campo dos Estudos Literários, visando à compreensão da poesia de Guillén em relação a um contexto mais amplo do debate identitário cubano na primeira metade do século XX, recomenda-se, como leituras introdutórias apropriadas ao âmbito deste texto, o ensaio de Nancy Morejón intitulado *Nación y mestizaje en Nicolás Guillén* (2005), assim como os textos “Afroamericanismo, multiculturalidad e identidad”, de Eduardo Devés-Valdés (2000, p. 131-150) e “Negritude, negrismo e literaturas de afro-descendentes”, de Eurídice Figueiredo, Maria Consuelo Cunha Campos, Ana Beatriz Gonçalves e Márcia Pessanha (2005).

¹⁵ Se, contemporaneamente, iniciamos a utilização dos primeiros recursos teóricos para, desde um lugar de enunciação negro, questionar os usos do conceito de *mestizaje*, uma abordagem ocupada em reduzir os danos de um possível anacronismo pode recorrer, por exemplo, ao que assevera Maglia (2009b) acerca da identidade nacional cubana no momento poético de publicação de *Songoro Cosongo*: “Naturalmente, la población negra quedaba excluida de la comunidad imaginada de nación, aunque su innegable vitalidad circulaba por las calles, los cañaverales y los campos. La aceptación de la pluralidad étnica, considerada en un primer momento como un elemento descentrador de la identidad, será tardía. Dentro de la línea integradora representada por la obra precursora de José Martí, se inscribirá la segunda producción de Fernando Ortiz – cuyo concepto de transculturación apoyará la

aportes negros nas construções identitárias cubanas se mostra compreendida por Guillén em termos de um enigma:

¿Seré Yelofe?
 ¿Nicolás Yelofe acaso?
 ¿O Nicolás Bakongo?
 ¿Tal vez Guillén Banguila?
 ¿O Kumbá?
 ¿Quizás Guillén Kumbá?
 ¿O Kongué?
 ¿Pudiera ser Guillén Kongué?
 ¡Oh, quién lo sabe!
 ¡Qué enigma entre las aguas!
 (GUILLÉN, 2011, p. 251-252)

A descendência do branco centroeuropeu, assim como de suas(seus) descendentes em solo americano, é uma pergunta, ao passo que a do negro, sob orientação do mapa da porta de não-retorno, um enigma. Este Guillén de *Elegías* se posiciona ante a porta ou, mais fiel a sua imagem (e a do ensaio de Dionne Brand), ante as águas atlânticas constatando o quanto permanecem enigma, o quanto se recusam a ser espelho (como no caso de Narciso); este sujeito, ante o cemitério das águas, se pergunta pelo caráter insondável dos traços no fundo do mar, desconhecendo seus significados mas sem que esse desconhecimento deslegitime nem a busca por eles nem a hipótese de que estes traços [jazendo no fundo das águas atlânticas e caribenhas] sejam o repositório das memórias e, mediante elas, de suas construções identitárias [contemporâneas, se se pensa que a constatação do enigma, que o verso, que o poema enunciam não desde o passado mas desde um presente em busca de compreensão do

concepción de una cubanidad multiétnica – así como los poemas negros de Guillén que constituyen nuestro corpus [isto é, o de seu artigo ora citado]. Dentro del campo literario de la época, Guillén establece una toma de posición autónoma en relación con el campo del poder y construye una temprana identidad híbrida nacional como respuesta a la encrucijada histórica de una Cuba blanqueada y enajenada por la situación neocolonial de la República” (MAGLIA, 2009b, p. 335). A poética de Guillén trata a pergunta por uma “encrucijada histórica de una Cuba blanqueada y enajenada por la situación neocolonial de la República” ao passo que a de Morejón, desde um lugar negro feminino, inquire construções identitárias cubanas atinentes a uma “cubanidad multiétnica” na qual “la población negra quedaba excluida de la comunidad imaginada de nación, aunque su innegable vitalidad circulaba por las calles, los cañaverales y los campos”. Fundamentais a esta formulação de Maglia, notemos o uso dos advérbios *aunque*, a construir o jogo entre resença e ausência da componente negra na comunidade imaginada de Cuba à época, e *naturalmente*, empregado no início de seu parágrafo: ambos, se lidos simultaneamente, assinalam de modo eficaz a aporia (na citação, *encrucijada histórica*) posta a sujeitas(os) negras(os) por construções identitárias cubanas sob tal paradigma.

passado]. Morejón propõe a aporia ante o mapa da porta de não-retorno a partir de outra imagem, o poema “Querencias”:

No el cielo sino su sombra tumbada sobre el agua
 No el mar sino su sombra hundida en las profundidades
 No las arenas sino su sombra amiga
 No el monte amigo sino su sombra dentro de la noche
 No el fuego sino la sombra de su lengua metálica
 (MOREJÓN, 2014)

A anáfora tanto da estrutura aditiva *no...sino* quanto da *sombra* do que poderia, quiçá deveria se fazer presente, nos permite perceber o que nos resta, em sua imprecisão, em sua probabilidade, no quanto se faz necessário que nisso apostemos, em nome de uma busca da qual sujeitas(os) negras(os) necessitamos mas não podemos assegurar o encontro – não podemos assegurar o Retorno. *No* a preseça, *sino* a ausência. *No* o passado que já não está presente, *sino* a impossibilidade da presença no presente, dada a impossibilidade da busca do traço que nos falta [pois jazendo no cemitério das águas].

Me fui al monte.

Mi real independencia fue el palenque
 y cabalgué entre las tropas de Maceo.

Sólo un siglo más tarde,
 junto a mis descendientes,
 desde una azul montaña,

bajé de la Sierra
 (MOREJÓN, 2002, p. 114)

A enunciação desta mulher, não obstante, busca assinalar um lugar feminino acerca do *palenque* mas, distinção imprescindível, desde um lugar efetivamente *palenquero* e suas significações possíveis. Para tanto, a operação de significar o *palenque* desde ele próprio, como parte fundamental de um percurso no qual ela *volvi[ó] a nacer* (verso 11), legitima este lugar próprio a sujeitas(os) negras(os) em-resistência, distinguindo-se de vozes que o enunciem *por, em lugar de* estes sujeitos; o poema previne, assim, uma fetichização do lugar de resistência de um modo que, segundo esta interpretação, se poderia observar em alguns elementos no poema de Guillén, notadamente em sua necessidade de, para falar da mulher

negra (posteriormente, *nueva*, pondo-se conforme a uma poética de *unos versos mulatos* como proposta geral de *Songoro Cosongo*), construí-la divinizada. Regressando rapidamente à citação de Evaristo (2005), talvez se possa observar que, se o poema de Guillén avança buscando uma representação da mulher negra neste lugar divino a ela interdito (em uma perspectiva romântica, ou consolidada a partir do romantismo), tendo em conta precisamente tal interdição calcada em uma naturalização do signo mulher enquanto mulher necessariamente branca¹⁶, o poema de Morejón, buscando uma enunciação negra feminina, avança ao desnaturalizar a condição divina à mulher, incidindo sobre sua agência. O poema justifica a legitimação dos discursos enunciados a partir deste lugar desde seu começo, com a conjunção adversativa *todavía* (verso 1) posicionada enquanto primeira voz do discurso assinalando, destarte, um movimento inicial de contraposição a discursos ainda não evidenciados, ao que recebe a contribuição de outra conjunção adversativa, *ni*, no verso 3, esta também introduzindo a frase subsequente, de modo a intensificar o efeito inicial.

Todavía huelo la espuma del mar que me hicieron atravesar.
La noche, no puedo recordarla.
Ni el mismo océano podría recordarla.
Pero no olvido al primer alcastraz que divisé.
Altas, las nubes, como inocentes testigos presenciales.
Acaso no me he olvidado ni mi costa perdida, ni mi lengua
ancestral
(MOREJÓN, 2002, p. 113)¹⁷

¹⁶ De modo distinto à categoria *mujer-blanca* proposta por María Lugones, aqui se cogita a brancura como metonímia à ausência de raça ou, em termos distintos, a uma [reivindicação discursiva de] universalidade. Seguindo por uma senda distinta, a mencionada categoria de Lugones, ao racializar o lugar branco, em vez de [uma vez mais] reivindicar posições identitárias essencialistas [amiúde conflitivas ao atual estado do campo dos Estudos Literários, no Brasil], visa a construir o problema da racialização de [aqueles que tomamos como] nossos Outros (ao que, uma vez mais, o par Negro/raça, em Mbembe, nos ajuda a compreender os termos desta formulação). *Chez* Lugones, a racialização da *mujer-blanca* implica um lembrete salutar à premissa de que qualquer discurso se mostra tributário de um tempo e de um lugar, sem que isso se mostre necessariamente uma vicissitude ou uma precariedade mas, como ganho analítico, questionando construções discursivas com pretensão à universalidade.

¹⁷ Uma vez pensando as literaturas negras americanas em rede, se observa a recorrência de um primeiro movimento argumentativo de contestação a uma argumentação anterior, movimento este constatável em textos ficcionais, assim como em textos ensaísticos: por exemplo, Céline Alvarez Bâa, protagonista de *Adèle et la pacotilleuse*, de Raphaël Confiant (2005), introduz seu discurso por “Il n'est pas vrai que”; de sua parte, Édouard Glissant introduz *Le discours antillais* (1981) por “La Martinique n'est pas une île de la Polinésie”; para nos reportar a um texto negro não caribenho, o

De tal modo se situa, nesta interpretação, o primeiro verso do poema de Morejón, a fim de construir o discurso da *mujer negra* enquanto sujeita, dotada de agência, desde seu primeiro gesto (*huelo la espuma del mar*), no primeiro verso, mantendo a interseccionalidade como metodologia para tratar a violência do comércio escravagista a que foram submetidas ela e suas(seus) ancestrais (*que me hicieron atravesar*, em sua ambiguidade de determinação e imprecisão).

Em comparação à *mujer negra* de Guillén, percebe-se desde o princípio, no poema de Morejón, uma mulher a quem sua enunciação se constitui peça central a sua condição de sujeita, simultaneamente construindo um espaço autônomo de discurso e dialogando com uma tradição de representação da história cubana na literatura, assim como com uma tradição complementar de representação da mulher nesta mesma literatura mas – ponto crucial à interpretação ora proposta – desde estas mulheres negras como sujeitas em-escrevivência, do que decorre o recurso à conjunção adversativa *todavía* como primeiro movimento argumentativo, assinalando que estas mulheres não seriam subsumidas a suas representações prévias, amiúde exógenas¹⁸. Esta conjunção está aliada a verbos em primeira pessoa (*huelo*,

romance *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro (1984) inicia, de modo emblemático, por “Contudo,...”.

¹⁸ Para avançar em uma compreensão da poesia negra feminina cubana desde o momento inicial de Morejón (isto é, a poesia pré-Revolução Cubana) até épocas mais recentes (tomando em conta, inclusive, a produtividade de Morejón e de mais poetisas negras cubanas ao longo destas décadas), atentemos ao que nos propõe Lídice Alemán: “Lo cierto es que para las autoras formadas, como Atencio, Frómata y Ríos [poetisas negras cubanas dos anos 80], por la Revolución, el tratamiento de raza y género no fue una preocupación tan urgente como para las poetisas nacidas antes de los cincuenta (Herrera, Morejón y Saldaña). Mientras estas eran conscientes de su racialidad, a las educadas en el periodo revolucionario la raza les había sido camuflada detrás de otras categorías de identidades homogéneas, por ejemplo “cubanas”. Dicho con otras palabras, Herrera, Morejón y Saldaña fueron parte de la época de la Segunda República (1940-1958), en la que sobresalieron los ideales de unidad racial en el imaginario nacional. A su vez, este fue reforzado por el discurso de los intelectuales de la época (Ortiz, Guillén), que abogaba por una identidad mulata constituyente de la “cubanía”; es decir, “una identidad nacional superracial debía funcionar como un elemento homologador” (Bobes 72). Sin embargo, Atencio, Frómata y Ríos viven la siguiente época (1959-), una de cambios radicales en el universo simbólico del imaginario cubano. Aquí el pilar de los ideales de unidad no es la raza, sino la ideología que predica el Estado. Además, se funden Estado, patria y nación, ahora contruidos simbólicamente, en contraposición a un enemigo amenazante o, lo que es igual, “en torno a la defensa.[...] Lo cubano se define fuera de la ciudadanía y de lo antropológico y lo étnico, tornándose una elección ética y política” (Bobes 114, 122)” (ALEMÁN, 2015, p. 270). Se, anteriormente, tratávamos brevemente de comprender comparativamente as poéticas de Guillén e de Morejón ante a porta, a nota de Alemán nos oferece subsídios para, operando semelhante comparação entre as poetisas

no verso 1; *no puedo*, no verso 2; *no olvido*, no verso 4, qualificado como passado perfeito no verso 6, *no me he olvidado*), a fim de demarcar quem enuncia a representação em jogo, quem necessita dissertar sobre os limites de suas próprias memórias desde uma posição de sujeita cognoscente: eis porque os versos assinalam o que recordar e, mais detidamente, com igual importância, do que não se pode recordar e do que não se pode olvidar; o poema demarca esta passagem entre o que não se pode recordar e a necessidade de não olvidar no início do verso 4, mediante a conjunção *pero*, cujo uso constroi a tônica de todo discurso posterior, doravante centrado não apenas nas impossibilidades de recordação mas, como ato político, na necessidade do que não se pode olvidar: à *mujer negra* cabe a condição de, abordando suas memórias e respectivas ressignificações, examinar sua relação com a terra americana, ao longo de todo o poema, tomando a escravização como seu fio condutor:

Le rapport à la terre, rapport d'autant plus menacé que la terre de la communauté est aliénée, devient tellement fondamental du discours, que le paysage dans l'oeuvre cesse d'être décor ou confident pour s'inscrire comme constituant de l'être. Décrire le paysage ne suffira pas. L'individu, la communauté, le pays sont indissociables dans l'épisode constitutif de leur histoire. Le paysage est un personnage de cette histoire. Il faut le comprendre dans ses profondeurs (GLISSANT, 1997, p. 343)

A noção de paisagem (*paysage*), em Édouard Glissant, como *constituant de l'être*, reivindica uma política de escrita literária na qual *l'individu, la communauté, le pays* são apresentados nos termos de seu Diverso, ou de uma unidade-diversidade (ALVES, 2014). No poema de Morejón, discute-se a preponderância da paisagem na constituição de sujeitas(os) negras(os) nas Américas, precisamente onde esta *cesse d'être décor ou confident pour s'inscrire comme constituant de l'être*; ademais, esta *mujer negra* constroi suas identidades a partir dos traços e suas significações possíveis, conforme as condições dadas perfazendo, destarte, uma noção de paisagem na qual a sujeita está de fato inserida, inscrevendo-se nela, para acompanhar a citação de Glissant. Faz-se necessário que a *mujer negra* demarque sua posição política como sujeita de liberdade ao pensar, em uma Cuba do século XIX, uma posição política antagonica à naturalização da escravização negra (HELG, 2014), contraposta

pré-revolucionárias e as dos anos 80, avançar em nosso conhecimento sobre poesia negra cubana contemporânea.

à mulher divinizada ante o olhar do poeta, no texto de Guillén, em que o divino, a natureza e o traço se fundem de modo *que sería trabajo de miniaturista desenredar el jeroglífico*:

La noche, no puedo recordarla.
Ni el mismo océano podría recordarla.
Pero no olvido al primer alcastraz que divisé.
Altas, las nubes, como inocentes testigos presenciales (MOREJÓN, 2002, p. 113)

(...)

Esta es la tierra donde padecí bocabajos y azotes.
Bogué a lo largo de todos sus ríos.
Bajo su sol sembré, recolecté y las cosechas no comí.
Por casa tuve un barracón.
Yo misma traje piedras para edificarlo,
pero canté al natural compás de los pájaros nacionales
(MOREJÓN, 2002, p. 113-114)

No poema, eis a paisagem constitutiva, na forma de *la tierra* como espaço reconhecidamente estrangeiro, associado desde o principio à violência da escravização assinalada no corpo (*bocabajos y azotes*), em *sus rios* e mesmo em *su sol*, associados ao trabalho escravizado do qual decorre, ainda, a alienação de sujeitas(os) intensificada no fato de que *las cosechas*, malgrado executadas a termo (*sembré, recolecté*), jamais são desfrutadas visto que propriedade do senhor-de-engenho, assim como a própria mulher subjugada nos domínios da fazenda, antes de seu aquilombamento; já em um momento posterior de libertação, *las piedras* locais fornecem a base à construção de uma casa e, por conseguinte, toda cadeia de significados a ela atribuídos, em que não se pode desprezar o princípio de soerguê-la desde escombros, cacos disponíveis nesta paisagem na qual ora se insere uma *mujer negra* antes reduzida a propriedade – e, portanto, a *décor* – em um contexto de monocultura colonial. Mais adiante, percebe-se a *mujer negra* como sujeita em-diáspora, por exemplo, ao demarcar novamente a violência na base de sua relação com a terra (*Bajo su sol sembré, recolecté y las cosechas no comí*, verso 20), assim como ao descrever seu primeiro claustro quando da chegada em Cuba, nos versos 3 e 4, circunscrevendo os domínios da memória e, em certo sentido, seu *temario lírico* – resgatando a expressão de Guillén em um novo contexto – de modo a situar a diáspora ao centro de uma poética própria: a conjunção adversativa *pero* (verso 4) opera o corte entre a travessia marítima e o aprisionamento no

cativeiro em Cuba, complementada pela descrição da paisagem no entorno da viagem atlântica (*la noche*, no verso 1; *el mismo oceano*, no verso 2) e na chegada a Cuba (*las nubes*, no verso 4), elementos que integram, de modos distintos, a paisagem superando, contudo, a condição de *décor ou confident* de modo mais efetivo que no poema de Guillén no qual, ainda que se proponha uma dimensão emancipatória à *mujer nueva*, esta permaneceria aprisionada em sua condição de sujeita restrita à divinização exógena e seus corolários.

Nesta interpretação do poema "Mujer negra", desde o princípio encontramos um título evocando quem fala, desde uma posição de sujeito cara à enunciação:

Me fui al monte.

Mi real independencia fue el palenque
y cabalgué entre las tropas de Maceo.

Sólo un siglo más tarde,
junto a mis descendientes,
desde una azul montaña,

bajé de la Sierra
(MOREJÓN, 2002, p. 114)

A fim de sustentar tal leitura, note-se que os verbos, para além da posição em primeira pessoa do singular, se apresentam em um passado perfeito, de modo a construir uma trajetória passada mas sincrônica e, necessariamente, provisória, visto que este passado se constitui memória na forma de traços e suas ressignificações, permitindo à poeta sair do *palenque* em direção ao espaço anterior *sólo un siglo más tarde* perfazendo, destarte, uma temporalidade diretamente ligada às relações de descendência e a uma gnoseologia correlata. Trata-se, de modo simples mas radical, de nos remeter à pergunta clássica acerca da cultura de [os que consideramos] nossos Outros e que, hipoteticamente, apenas poderiam ocupar esta posição específica:

La pregunta me pareció revelar una de las raíces de la polémica, y podría enunciarse también de esta otra manera: '¿Existen ustedes?' Pues poner en duda nuestra cultura es poner en duda nuestra propia existencia, nuestra realidad humana misma, y por tanto estar dispuestos a tomar partido en favor de nuestra irremediable condición colonial, ya que se sospecha que no seríamos sino eco desfigurado de lo que sucede en otra parte (RETAMAR, 2006, p. 11)

O poema de Morejón toma partido por uma enunciação que, desde um lugar negro feminino, reivindica uma cultura negra cubana, imbricada em uma realidade própria a sujeitas(os) negras(os) cubanas(os) em-diáspora. Recordemos, para tanto, o uso do já assinalado *todavía* (verso 1):

Todavía huelo la espuma del mar que me hicieron atravesar.
 La noche, no puedo recordarla.
 Ni el mismo oceano podría recordarla.
 Pero no olvido al primer alcatraz que divisé.
 Altas, las nubes, como inocentes testigos presenciales.
 Acaso no me he olvidado ni mi costa perdida, ni mi lengua
 ancestral.
 Me dejaron aquí y aquí he vivido.
 Y porqué trabajé como una bestia,
 aquí volví a nacer.
 A cuanta epopeya mandinga intenté recurrir
 (MOREJÓN, 2002, p. 113)

A enunciação iniciada por *todavía* e procedendo ao recenseamento do que lembrar ou olvidar se antepõe a outra, indeterminada (outro signo de uma dominação cuja procedência se desconhece, caso nos remetamos à noção de Desvio, em Glissant), se reportando àqueles que a *hicieron atravesar* o Atlântico (verso 1) à revelia, para fins de escravização em um novo continente no qual *me dejaron aquí y aquí he vivido* (verso 8), destacando o ganho de sentido no duplo uso do advérbio *aquí* em um mesmo verso: se o primeiro uso reforça, de maneira paradoxalmente atópica, a violência em seu sequestro à ilha de Cuba, o segundo busca assinalar, no lugar onde *he vivido*, o ato de habitá-lo, preenchendo-o de sentidos. Uma noção de diáspora pode contribuir caso evidencie não apenas a travessia marítima mas, como uma unidade de sentido, o sequestro (*me hicieron atravesar*) e o apagamento de suas memórias (*La noche, no puedo recordarla./ Ni el mismo oceano podría recordarla*), assim como o aprisionamento (*Pero no olvido al primer alcatraz que divisé*) e a animalização (*porqué trabajé como una bestia*) decorrentes da escravização na ilha de Cuba. O desafio lançado a nossos conceitos de diáspora consistiria em compreender os versos 9 e 10 do poema, nos quais Morejón insere uma conjunção explicativa (*porqué*, no verso 9) relacionando a animalização a construções identitárias não mais africanas mas, doravante, americanas, lugar assinalado nas três recorrências do advérbio *aquí*, duas no verso 8 e outra, no verso 10: na primeira delas, o advérbio complementa a instância de dominação indeterminada, renovada no

verbo *dejaron*; na segunda, o advérbio complementa a ação da mulher, em seu devir-sujeito que não apenas nasce mas, em um movimento de luta contra o olvido e de reforço de suas memórias, ressalta se tratar de um novo nascimento (*volví a nacer*). Em vez de requerer o abandono da busca de um nascimento anterior na Guiné (ao que Guillén talvez proporia deixar a busca por jazer em uma matriz *tan profunda (...) que sería trabajo de miniaturista desenredar el jeroglífico*), o texto demarca um novo nascimento em Cuba, ao que o verso 33 ampara tal interpretação (*ya nunca más imaginé el camino a Guinea*), não por desprezo a uma matriz guineense mas como novas construções identitárias, doravante cubanas. Apenas a título de índice textual, observemos que *volví a nacer* antecede, na voz poética, às operações de insubmissão (*me rebelé*, verso 12), de ação política (*me sublevé*, verso 24; *me fui al monte*, verso 34) e de retorno à situação inicial não com vistas a uma estase ou uma síntese mas visando a sua transformação, mediante uma ação política renovada:

bajé de la Sierra

para acabar com capitales y usureros,
com generales y burgueses.
Ahora soy: Sólo hoy tenemos y creamos.
Nada nos es ajeno.
Nuestra la tierra.
Nuestros el mar y el cielo.
(MOREJÓN, 2002, p. 114)

Não apenas o deslocamento como, fundamentalmente, a vivência no *palenque* (ainda que não descrita nos versos tal como o sequestro, a escravização e a viabilização da própria existência dentro das condições possíveis) estão inseridas ao centro das construções identitárias da mulher negra e, ponto importante ressaltado na última estrofe do poema, uma nova modalidade de participação desta mulher na vida política cubana. Se, em Guillén, a mulher negra – posteriormente *nueva* – permanece delimitada pelo olhar do sujeito masculino, em Morejón a mulher negra, munida da vivência no *palenque* e da agência lá fortalecida (*mi real independencia fue el palenque*), requer o reconhecimento de seus aportes às construções identitárias cubanas vivas, contemporâneas, não como componente da equação de mestiçagem mas como sujeita política: lembremos que ela regressa *sólo un siglo más tarde* (verso 37), justamente regressando da Sierra [Maestra] *para acabar con capitales y usureros, / con generales y burgueses* (versos 41 e 42), interpretação que poderia comportar a ida ao

palenque, por parte da *mujer negra* (e, por extensão, de todo um contingente de populações negras *marrons* da qual ela busca representar como voz poética) na metade do século XIX, seguida do regresso à vida urbana de Cuba *sólo un siglo más tarde*, o que corresponderia, diegeticamente, ao final dos anos 1950.

Em suma, buscamos apontar ainda de modo elementar, nesta interpretação do poema “Mujer negra”, os primeiros elementos para assinalar o conteúdo político desta mulher que situa a ida ao *palenque* e o regresso de seus descendentes como momentos centrais em seu percurso rumo a um devir-sujeita:

Sólo un siglo más tarde,
junto a mis descendientes,
desde una azul montaña,

bajé de la Sierra

para acabar com capitales y usureros,
com generales y burgueses.
Ahora soy: Sólo hoy tenemos y creamos.
(MOREJÓN, 2002, p. 114)

A construção da última estrofe expõe um movimento anteriormente esboçado de reivindicação da voz coletiva, na silepse do verso 43 (do gramaticalmente esperado *soy* ao partido tomado mediante os usos de *tenemos y creamos*), em um momento em que a mulher, legitimando-se como sujeita, se integra a lutas coletivas em torno de eventos políticos cubanos (esboçados nos versos 41 e 42) como propõe um espaço no qual sujeitas(os) negras(os), expostas(os) a problemas comuns, podem criar espaços políticos de ação. Note-se, neste epílogo de “Mujer negra”, a) a escravização negra africana como um problema comum com o qual se defrontam as distintas populações negras americanas em-diáspora e suas(seus) descendentes (e, não por acaso, o fato de que ela regressa um século depois, em companhia de descendentes, se mostra absolutamente coerente aos traços e a sua ressignificação, mediante recurso à memória); e b) o *palenque* como organização política e lugar de enunciação a sujeitas(os) negras(os) americanas(os), no qual se viabilizam novas construções identitárias que, tributárias da pluralidade de matrizes africanas em contato, são compreendidas como americanas.

No interior das disputas no campo acadêmico, ao menos no Brasil (lugar de onde enunciamos), a busca por compreender cientificamente literaturas negras americanas, em diálogo com a dupla dimensão ficcional e ensaística de sujeitas(os) negras(os), e em perspectiva interseccional com nossos problemas comuns de etnicidade e gênero, perfaz, ao fim e ao cabo, um ato político. Em se tratando de pesquisas científicas, no campo dos Estudos Literários, versando sobre literaturas negras americanas, amiúde temos observado uma resistência aos pressupostos teóricos e epistemológicos na base de uma história possível da literatura que evidencie, ou sequer problematize, a legitimidade das literaturas negras americanas. Como uma recorrência também cientificamente observável, tal resistência às literaturas negras tem se mostrado um sintoma de resistência à enunciação de sujeitas(os) negras(os) ou, dito de outro modo, à legitimidade de quaisquer construções identitárias na enunciação destas(es) sujeitas(os).

O problema de enunciação dos sujeitos, ao qual referências básicas como as de Spivak e Said nos fornecem alguns dos subsídios iniciais, se constitui em um dos pilares de nossa ação científica à medida que permite o desenho e o tratamento de problemas metodológicos (como tratar cientificamente o Diverso das literaturas afroamericanas sem reduzi-las a categorias exógenas a elas?), epistemológicos (de onde enuncia a negação e a deslegitimação das literaturas afroamericanas e, a reboque, da formação dos chamados Estudos Étnicos no campo da ciência literária brasileira?) e políticos (a quem interessa uma economia do texto canônico que pressuponha, como premissa, a exclusão de qualquer nível de diferença em nome de critérios tomados como estéticos?). Não por acaso (...), sempre salientamos nossa hipótese ao estudo de nosso objeto: estudar as literaturas afrocaribenhas, sobre as bases do Tráfico e da Diáspora, implica estudar o problema da obliteração dos sujeitos afrocaribenhos e, por conseguinte, afroamericanos, de sua voz, de seus discursos sobre si próprios (ALVES, 2014)

Neste sentido, reivindicar-se que o estudo da obra de Nancy Morejón, em sua dupla dimensão de poesia e de ensaio, implica, nos termos ora expostos, estudar o problema da obliteração dos sujeitas(os) negras(os) cubanas(os) – e, por conseguinte, americanas(os): de sua voz, de seus discursos sobre si próprios.

Resúmen: Este texto propone una interpretación del poema de Nancy Morejón “Mujer negra”, comprendido en cuanto enunciación de sujetas negras americanas desde su lugar. Esa interpretación se utiliza de una noción de lugar (por ejemplo: GLISSANT, 1996; EVARISTO,

2005) así también de un concepto de violencia epistémica (MIÑOSO, 2014), bajo un cuadro de pensamiento negro americano. Los resultados parciales de investigación presentados en este artículo han sido discutidos bajo el Proyecto de Investigación Científica Teseu, o labirinto e seu nome, en el Programa de Pós-graduação em Letras de la Universidade Federal do Piauí.

Palabras-clave: Nancy Morejón: poesía. Literaturas negras femininas caribeñas. Lugar de enunciación. Violencia epistémica

Referências

ALEMÁN, Lídice. ¿No es la misma de siempre esta mujer? Género, raza y poesía cubana de los ochenta en la obra poética de Soleida Ríos. *Literatura: teoría, historia, crítica*, vol. 17, núm. 1, enero-junio, 2015, pp. 263-295. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=503750637010>>. Acesso em 17 de outubro de 2017.

ALVES, Alcione Corrêa. Teseu, o labirinto e seu nome: prefácio e enunciação nas literaturas negras americanas. In: *Anais eletrônico do III Encontro Internacional Literaturas Histórias e Culturas Afro- Brasileiras e Africanas: Narrativas e Construção de Identidades*, Teresina, PI, Brasil, 19 a 22 de nov., 2013. Teresina: UESPI, 2014. v. 1. p. 1-10.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.). *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, p. 49-58.

COSER, Stelamaris. Cimarrón (contexto latino-americano). In: Zilá Bernd. (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre RS: Tomo Editorial/Editora da UFRGS, 2007, 1ª. Ed., p. 109-113.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. Afroamericanismo, multiculturalidad e identidad. In: *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX. Entre la modernización y la identidad*, tomo I, del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos; Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000, p. 131-150 (Colección Historias Americanas)

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 201-212.

FIGUEIREDO, Eurídice; CAMPOS, Maria Consuelo Cunha; GONÇALVES, Ana Beatriz; PESSANHA, Márcia. Negritude, negrismo e literatura de afro-descendentes. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF / Niterói: EdUFF, 2005.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du Divers*. Paris: Gallimard, 1996.

_____. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1997.

GUILLÉN, Nicolás. Mujer nueva. In: *Obra poética*. Tomo I: 1922-1958. Ángel Augier (organizador). Ilustraciones del autor. La Habana: Instituto Cubano del Libro. Editorial Letras Cubanas, 2011, p. 97.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, 11. ed.

HELG, Aline. Os afro-cubanos, protagonistas silenciados da história cubana. *Revista de Estudos e pesquisas sobre as Américas*. Volume 8, número 1, 2014, p. 29-51.

MAGLIA, Graciela. *De la machina imperial a la vereda tropical: identidad y nación en el Caribe afrohispanico*. Bogotá: Editora Pontificia Universidad Javeriana, 2009.

_____. Azúcar amarga: el inevitable oxímoron de la historia cubana. *Revista Tabula Rasa*, número 10, enero-junio, 2009, p. 327-357. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39612022012>>. Acesso em 17 de outubro de 2017.

MBEMBE, Achille. Introdução: o devir-negro do mundo. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014, p. 9-24.

MIÑOSO, Yuderkis Espinosa. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. In: MIÑOSO, Yuderkis Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. *Tejiendo de otro modo*. Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Yuderkis Espinosa Miñoso, Diana Gómez Correal, Karina Ochoa Muñoz (editoras). Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014, p. 309-323.

MIRANDA, Clícea Maria Augusto de. Abolição em perspectiva transnacional: ecos da Guerra Civil americana no Brasil e em Cuba, 1861-1888. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH: conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: ANPUH, 2013. Disponível <http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371237844_ARQUIVO_06_Clícea_Miranda_ANPUH_2013revisado.pdf>. Acesso em 28 de setembro de 2015.

MOREJÓN, Nancy. Mujer negra. In: *Cuerda veloz*. La Habana: Instituto Cubano del Libro. Editorial Letras Cubanas, 2005, p. 113-115.

_____. Querencias. In: *Querencias/ Homing instincts*. Poems by Nancy Morejón; translated by Pamela Carmell. Chico: Cubanabooks, 2013.

_____. *Nación y Mestizaje en Nicolás Guillén*. La Habana: Editora Unión, 2005.

PENIDO, Stela. Walter Benjamin: a História como construção e alegoria. *O que nos faz pensar: Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*. No. 1, junho de 1989, p. 61-70. Disponível em <http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/walter_benjamin:_a_historia_como_c

onstrucao_e_allegoria/n1stella_Walter_Benjamin.pdf>. Último acesso em 28 de setembro de 2015, 21:57hs.

RETAMAR, Roberto Fernandez. Caliban. *Todo Caliban*. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares*. Disponível em <<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/quilombos-no-brasil.pdf>>. Acesso em 28 de setembro de 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the subaltern speak?* Disponível em <http://www.mcgill.ca/files/crclaw-discourse/Can_the_subaltern_speak.pdf>. Último acesso em 01 de setembro de 2014, 21:57hs.